



ESTÍMULOS AO SENSO CRÍTICO PARA ALÉM DA SALA DE AULA: VIVÊNCIAS A PARTIR DO TRABALHO DE CAMPO

Jaqueline Telma Vercezi ¹
Patrícia Fernandes Paula Shinobu ²

RESUMO

O curso de licenciatura em Geografia nos dias atuais tem como principal desafio preparar professores através de métodos de trabalhos alternativos para o desenvolvimento de cidadãos com uma nova mentalidade onde o coletivo supere o individual, além de considerar demandas antes ignoradas. Nesse sentido este relato de experiência está pautado em uma proposta que considera o trabalho de campo em realidades próximas à cidade onde se localiza a Universidade. Tendo como objetivos compreender como a Educação do Campo é realizada nas instituições de ensino. Nessa proposta considerou-se como objeto de estudo uma Casa Familiar Rural (CFR) e uma escola indígena. Propõe-se também fomentar a compreensão de como a categoria trabalho é contextualizada enquanto uma possibilidade para a expansão da consciência crítica nas instituições. A metodologia pautou-se no Materialismo Histórico e Dialético, tornando possível dialogar sobre as práticas interdisciplinares nas instituições visitadas, analisando o papel dos coletivos comunitários para a organização do trabalho educacional dentro da pedagogia da Alternância praticada nas Escolas do Campo. Possibilitando a compreensão da sua cultura/história dos/as camponeses/as e indígenas a partir de algumas práticas de lutas e resistências para a permanência delas. Dentre essa diversidade de ações, visitas e particularidades, estimulou-se os acadêmicos a entender também os princípios de uma educação indígena (intercultural, específica, diferenciada e bilingue), problematizando a importância das lideranças políticas, culturais e religiosas na discussão do currículo escolar indígena, como símbolo de resistência e ao mesmo tempo considerar a prática pedagógica do trabalho de campo.

Palavras-chave: Trabalho de campo, Educação Indígena, Casa Familiar Rural, Espaço de Resistência.

ABSTRACT

The main challenge of the Geography degree course in Geography today is to prepare teachers through alternative working methods for the development of citizens with a new mentality where the collective overcomes the individual, in addition to considering demands previously ignored. In this sense, this experience report is based on a proposal that considers fieldwork in realities close to the city where the University is located. Its objectives are to understand how Rural Education is carried out in educational institutions. In this proposal, a Rural Family House (CFR) and an indigenous school were considered as objects of study. It is also proposed to foster the understanding of how the category of work is contextualized as a possibility for the

¹ Professora Doutora do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, jaqvercezi@uel.br;

² Coautor: Professora Doutora, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, pfpaula@uel.br;

expansion of critical consciousness in institutions. The methodology was based on Historical and Dialectical Materialism, making it possible to dialogue about the interdisciplinary practices in the institutions visited, analyzing the role of community collectives for the organization of educational work within the pedagogy of Alternation practiced in Rural Schools. Enabling the understanding of their culture/history of peasants and indigenous peoples from some practices of struggles and resistances for their permanence. Among this diversity of actions, visits and particularities, the students were also encouraged to understand the principles of an indigenous education (intercultural, specific, differentiated and bilingual), problematizing the importance of political, cultural and religious leaders in the discussion of the indigenous school curriculum, as a symbol of resistance and at the same time considering the pedagogical practice of fieldwork.

Keywords: Fieldwork, Indigenous Education, Rural Family House, Space of Resistance.

INTRODUÇÃO

A realidade nesse início de século tem se transformado numa velocidade nunca antes experimentada. Pode-se afirmar que vivemos um período de tempo acelerado e a rapidez das mudanças imprime uma dinâmica igualmente célere.

Neste contexto, o ensino da Geografia vem passando, como toda educação, por diversas transformações decorrentes da introdução de novas tecnologias, conseqüentemente das novas necessidades do mercado profissional e, principalmente, das demandas vinculadas aos problemas ambientais.

O curso de licenciatura em Geografia na atualidade tem como principal desafio preparar professores preocupados com os problemas da comunidade, que tenham a capacidade de desenvolver trabalhos em grupos, de interagir com a comunidade na busca de soluções. De criar métodos de trabalhos alternativos para o desenvolvimento de cidadãos com uma nova mentalidade, onde o coletivo supere o individual, além de pensar em demandas antes ignoradas.

Nesse sentido, um direcionamento que esteja voltado ao desenvolvimento intelectual do graduando requer um método instigante que rompa com o tradicionalismo caracterizado pelo ensino baseado somente em livros, com ideias inertes que resultam em uma aprendizagem pouco expressiva e eficiente, por isso se considerar o trabalho de campo.

Quando falamos em trabalho de campo, é possível apontar as palavras de Tomita (1999) quando expõe que é pelo “trato direto do trabalho de campo que o aluno fará o aprendizado e passará a entender as contradições e o processo de apropriação da natureza, entendendo o porquê da dinâmica que ocorre no espaço”. Dessa forma, compreender que,

para além da teoria é preciso entender a dinâmica do cotidiano que se está estudando, elemento fundamental para a construção do conhecimento.

Por isso o ensino de Geografia não se restringe à exposição do professor, à leitura de textos, à memorização de conceitos ou às respostas de questionários. É algo muito mais profundo e desafiador. Envolve a compreensão de um modo de pensar e explicar o mundo, pautada em noções, conceitos, procedimentos e princípios através dos quais os fatos são estudados e contextualizados no tempo e no espaço através de vivências.

E, para que os alunos tenham possibilidades de verificar a ação do homem, como agente transformador na sociedade/comunidade, foi proposto uma atividade interdisciplinar de campo.

O trabalho de campo é um método didático conhecido e ao mesmo tempo um precioso recurso para a ação pedagógica, particularmente em disciplinas como Geografia, História e Biologia. Além dessa designação, ele também recebe outras denominações como: estudo do meio, visita a campo, aula a campo etc.

Portanto, o estudo do lugar no trabalho de campo deve ser resgatado nos projetos político-pedagógicos das escolas. Em muitas situações o aluno mora em determinada localidade e nunca foi convidado, instigado a pensar sobre a dinâmica e o papel dessa localidade como inserida em um contexto mais amplo da sociedade em questão.

Essas atividades complementares estão previstas fora de sala, como trabalhos de campo *in loco* de acordo com os temas abordados nas diferentes áreas da ciência geográfica. Essa prática deve envolver os assuntos contemplados em sala, facilitando a aplicação dos conhecimentos e metodologias adquiridas durante as aulas.

A metodologia em questão, tem como objetivo considerar para cada ano letivo, temáticas de estudo *in loco* em variados segmentos do espaço geográfico regional onde está sediada a Universidade, visando a formação docente. No presente relato, propõe-se compreender as modalidades de ensino no Brasil, aplicadas no chão da escola, além do desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, considerando seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos, ou seja, é um trabalho interdisciplinar que envolve inúmeras temáticas e contribuem com o processo formativo do acadêmico.

Dentro desse contexto, o objetivo aqui é o de apresentar reflexões acerca de uma das experiências desenvolvida no Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, no mês de outubro de 2022, contemplando as disciplinas da Área de Ensino e seus seis docentes e a disciplina de Geografia Urbana I com a docente responsável.



O campo partiu de uma ação pedagógica que visou abordar os ciclos de formação humana e os elementos que fundamentam uma educação transgressora e focada na construção de princípios humanistas. Destacando às ações e organização dos coletivos e das comunidades que lutam por uma Educação no/do Campo, das escolas indígenas e para pessoas em privação de liberdade. Abordou ainda a realidade da dinâmica urbana em pequenos municípios que compõem a rede urbana no Norte Pioneiro do Paraná.

Os municípios visitados foram Santo Antonio da Platina, Sapopema e Tomazina, municípios esses que ficam na Região Geográfica Intermediária de Londrina segundo o IBGE (2017).

O primeiro lugar visitado foi a Casa Familiar Rural Pe. Sasaki em Sapopema, na qual aconteceu uma roda de conversa com a equipe de coordenação e os/as estudantes tanto da Casa Rural quanto os do Curso de Geografia envolvidos no trabalho de campo. O troca de idéias versou sobre a história, estrutura e a metodologia que a escola possui e cotidianamente desenvolve com seus estudantes.

O segundo ponto foi a visita na Cadeia Pública Feminina de Santo Antônio da Platina onde os discentes puderam fazer uma roda de conversa com algumas detentas e colherem relatos de vida delas tanto em sociedade como no carcere.

Em um terceiro momento, foi oportunizado a eles uma visita a um morro do município de Santo Antônio da Platina, em que os acadêmicos puderam ter um visão total da cidade e ao mesmo tempo uma vivência sobre a articulação do município quanto a sua inserção na rede urbana como reflexo da frente inicial de colonização no Norte Velho do Estado do Paraná e seus reflexos na dinâmica atual, como desdobramento das discussões oportunizadas na disciplina de Geografia Urbana I. A pernoite foi no mesmo município.

O segundo dia do trabalho de campo, aconteceu no município de Tomazina com a visita à Escola Indígena Yvy Porã, onde foi feita uma roda de conversa com a direção da escola, professores/as, equipe de coordenação e estudantes, momento em que foram expostos alguns trabalhos desenvolvidos na escola. Em um segundo momento, foi oportunizado um diálogo com o cacique Reginaldo no sentido de entender a relação da escola com a comunidade e a importância de uma educação escolar indígena específica, diferenciada, intercultural e bilingue. Após o almoço, a visita aconteceu na Casa de Reza do líder religioso da comunidade Sr José que possibilitou aos acadêmicos compreender com maior profundidade aspectos culturais daquele povo.

Essas expedições, ou seja, trabalhos de campo, reforçam a condição de que é possível trabalhar a geografia do/no cotidiano, comprovando que a teoria sem a prática apresenta possíveis lacunas no aprendizado dessa ciência. Na verdade, quando se trabalha apenas dentro



da sala de aula, esconde-se uma grande teia constituída de informações que se inter-relacionam, de maneira que uma depende diretamente da outra para existir.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este trabalho de campo esteve pautada na indicação de leituras sobre as modalidades de Ensino no Brasil, em específico a Modalidade Educação do Campo, Educação Indígena e Educação de Jovens e Adultos, voltadas as pessoas em privação de liberdade e ainda em textos sobre hierarquia e rede urbana e a realidade de pequenos município. O intuito desse trabalho foi permear pelo método do Materialismo Histórico Dialético, em que se propõe questionar e assim estimular a busca de respostas para as contradições presentes na sociedade e, principalmente, nesses espaços de luta em que se dão estas modalidades em questão. Dando ao aluno a oportunidade de observar e interpretar *in loco* o que foi desenvolvido em sala de aula. O estudante é estimulado a pensar, a indagar, a investigar e desvendar; por isso deve-se dar a ele a oportunidade de inovar, perguntar, questionar, identificar e descobrir, tornando-o um indivíduo entusiasmado e curioso acerca do mundo em que vive.

Neste contexto, as atividades interdisciplinares foram desenvolvidas por meio da articulação da teoria com a prática, em forma de trabalho de campo, elaboração e execução de atividades de pesquisa, tanto no direcionamento educacional como no geográfico. Devendo sempre garantir a contextualização e a interdisciplinaridade, que são características fundamentais para a formação do cidadão crítico, com competências de professores de geografia do terceiro milênio.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para tais discussões foram utilizadas as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo do Paraná (2006), Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação, da Marilene Santos (2018), Educação do Campo: Políticas, Práticas Pedagógicas e Produção Científica da Maria Antônia De Souza (2008), o Programa Nacional de Educação do Campo PRONACAMPO do Governo Federal (2013); foi dado conhecimento sobre Educação do Campo: marcos normativos (2012), Diretrizes para a Política



Nacional de Educação Escolar, Elaborado pelo comitê de Educação Escolar Indígena (1994), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (2012) As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 Na Prática Educacional do Ensino Básico Brasileiro (2018) da Maria Gisele de Alencar, dentre outros textos que foram utilizados. Trabalhado o material do IBGE Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (2017) e as concepções sobre rede urbana de Roberto Lobato Correa (2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se com essa proposta, levar a conhecer *in loco* a organização do espaço geográfico e sua natureza nas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar, especificamente resgatando características do entorno à realidade dos discentes.

Acredita-se assim que ultrapassasou-se a dicotomia entre a Geografia Física e Geografia Humana, possibilitando aos alunos em formação, a construção de conhecimentos e experiências essenciais à sua atuação como professores. Dando-lhes liberdade de criar, de ousar, de inovar, ações essas que são imprescindíveis para a expansão da indústria cultural e fundamental para a geração de lucros na sociedade cultural moderna.

O projeto procura estimular a interdisciplinaridade, o que propicia o envolvimento de todos os professores e alunos(as).

Torna-se significativo evidenciar que a prática docente, ao adotar a interdisciplinaridade como metodologia no desenvolvimento do currículo, não abandona as disciplinas nem supõe para o professor uma diversificação especializada, o que poderia tornar-se descabido e incorrendo no risco do sincretismo e da superficialidade. Intenta-se assim uma maior consciência da realidade, para que os fenômenos complexos sejam observados, vistos, entendidos e descritos tornando-se cada vez mais importante a confrontação de olhares múltiplos na observância da situação de aprendizagem. Daí a necessidade de um trabalho de equipe realmente interdisciplinar.

Desta forma, pretende-se então, a partir de uma linha pedagógica construtivista, valorizar os conhecimentos prévios do aluno, reelaborar e reestruturar estes conhecimentos através do desenvolvimento da prática pedagógica fora da sala de aula. Através da metodologia “aprender a aprender e apreender”, onde o graduando se torne o personagem principal do processo ensino-aprendizagem. Assim, o encaminhamento metodológico dos conteúdos



deverá ser de forma centrada, sob orientação e condução do professor, entendendo este como facilitador da aprendizagem e não, meramente um repassador de informações.

Como sugestão, este trabalho poderá ser desenvolvido em datas agendadas para os sábados no início do calendário letivo e poderão acontecer ao longo do ano letivo. Os docentes envolvidos definem em reunião os objetos a serem alvo da prática e em acompanhamento aos alunos nas datas previstas, desenvolvem o trabalho idealizado, claro com sucessos e também frustrações, até porque como tudo que é planejado, pode sofrer influências do meio, que nem sempre podem ser previstas.

Para desenvolver o trabalho de campo, foram cumpridas as seguintes atividades: problematizar a construção coletiva de uma educação com princípios de emancipação humana pautada nas vivências dos/as educandas/os, centrada em promoção de liberdade, autonomia e transgressão construída com os/as adolescentes e jovens da Casa Familiar Rural, Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, a realidade de pequenos municípios no Norte Velho do Estado do Paraná e da Escola Indígena Yvy Porã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o trabalho de campo atendeu os seus principais objetivos que era compreender como a Educação do Campo é realizada nas instituições de ensino, mostrando aos acadêmicos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como se aprende e ensina geografia em uma Casa Familiar Rural (CFR) e uma escola indígena, além de possibilitar a compreensão de como a metodologia trabalho de campo é contextualizada em diferentes dinâmicas sócioespaciais e culturais, enquanto uma possibilidade para a expansão da consciência crítica frente às diferentes realidades visitadas.

Foi possível dialogar sobre as práticas interdisciplinares nas Escolas visitadas, assim como analisar o papel dos coletivos comunitários para a organização do trabalho pedagógico dentro da pedagogia da Alternância praticada nas Escolas do Campo, como é o caso da CFR ou ainda na compreensão das comunidades que se envolvem com as escolas visitadas. Passando a entender sua cultura/história dos/as camponeses/as e indígenas a partir de algumas práticas de lutas e resistências para a permanência destas comunidades. Dentre essa diversidade de ações, visitas e particularidades, estimulou-se os acadêmicos a entender os princípios de uma educação indígena (intercultural, específica, diferenciada e bilingue), problematizando a importância das lideranças políticas, culturais e religiosas na discussão do currículo escolar indígena, como símbolo de resistência.



Contudo os cadênicos compreenderam que estar em espaços de luta, é resistir constantemente às investidas do Estado que em muitos casos não querem instalar escolas nestas comunidades ou prolongam seu sucateamento a fim de que em algum momento desistam e se enquadrem nas escolas urbanas.

E para finalizar todas as discussões e compreensão elaboradas dialéticamente com esse trabalho de campo, foi possível entender como o Estado se faz ausente em muitos lugares, mas de todos eles, sua ausência é indiscutível quando foi visitado o espaço das mulheres em privação de liberdade na Cadeia Pública de Santo Antônio da Plantina,. Lá foi possível compreender a organização das ações educativas para aquelas mulheres e as possibilidades da educação para a reorganização de suas vidas após cumprimento da pena. Da fragilidade do sistema penal em contribuir para que elas nunca mais voltem a frequentar aquele espaço. Mas acima de tudo a se sensibilizar com a situação de descaso em que se encontram, e como desdobramento, foi movido por essa sensibilização a arrecadação de livros, onde se angariou mais de 300 exemplares de livros dos mais diferentes títulos e temas, que foram destinados às mulheres em privação de liberdade da cadeia pública de Santo Antônio da Platina.

REFERÊNCIAS

DE ALENCAR, Maria Gisele. **As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na Prática Educacional do Ensino Básico Brasileiro**. CIET:EnPED, São Carlos, jun. 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/826>>. Acesso em 03/03/2022.

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV In: CARLOS, Ana Fani A.. (ORG) **A Geografia Na sala de Aula**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias** : 2017 / IBGE.

BRASIL, **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar** / Elaborado pelo comitê de Educação Escolar Indígena. – 2ª ed. Brasília: MEC/ SEF/DPEF, 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001778.pdf> Acesso em 02/03/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI**. Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012.

BRASIL, **Programa Nacional de Educação do Campo PRONACAMPO do Governo Federal**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192, Acesso em 05/04/2022.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Ed. Alternativa. 2002. p.127.



IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017

CORRÊA, Roberto L. **Estudos Sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba, Paraná, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf. Acesso em: 03/03/2022.

TOMITA, L. M. S. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia**. Geografia, Londrina, v. 8, n. 1, jan./ jun. 1999. p. 13-15,

SANTOS< Marilena. **Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação**. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas na Educação, Rio de Janeiro, v.26, n. 98, p. 185-212, jan./mar. 2018, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QZR6mRFKcL7NLtLVr3DhQhb/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 05/03/2022.

SOUZA, Maria A. **Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008.